A CRISE

DO

THEATRO PORTUGUEZ

1.ª CONFERENCIA



LISBOA

EMPREZA EDITORA DO ALMANACH PALHARES PALHARES & MORGADO 75, 1.°—R. do Crucifixo—75, 1.°

PALAVRAS PRÉVIAS

Duas são as razões que me induzem a dar ao prelo a presente conferencia. A primeira é o exito inesperado que ella obteve, no estreito ambito de uma sala á cunha, onde não lograram penetrar todos quantos alli impellira o interesse pelo assumpto. A segunda é o tel-a visto um pouco desnaturada nas noticias, aliás muito captivantes, da imprensa, e desejar que do meu pensamento permaneça uma reproducção textual e rigorosa.

Por isso, embora reconheça no meu trabalho todas as imperfeições do improviso com que foi executado, em intervallos vagos de tarefas urgentes, julgo dever de lealdade não o alterar sequer n'uma virgula. Quero que a impressão dos leitores se differenceie da dos ouvintes apenas em ser mais nitida. Uma impugnação justissima me fizeram alguns jornalistas. Apontando os males, não indiquei os remedios. Mas ao encontro d'essa objecção fui eu na propria conferencia, cujos limites rasoaveis me inhibiam maior prolixidade. Prometti comtudo completar o trabalho em subsequentes palestras, que não poderão talvez ser poucas para desenvolver convenientemente todos os pontos importantes do complexo assumpto.

Farei o possivel para cumprir a promessa e corresponder, na medida das minhas faculdades, ao lisonjeiro interesse que despertei.

Com o coração nas mãos declaro que não espero resultado effectivo do meu clamor n'este populoso deserto. Mas emfim, vamos atirando barro á parede. Por um acaso providencial, póde ser que alguma chapada pegue.

Ah! se os meus collegas da imprensa quizessem auxiliar-me!... Não terminaria eu com o desconsolador proloquio do nosso poeta maximo: « Palavras e plumas, o vento as leva».

Janeiro, 1901.

O AUCTOR.

A CRISE

DO

THEATRO PORTUGUEZ

PRIMEIRA CONFERENCIA

Meus senhores:

Não dissimulo que é para mim singularmente escabroso o terreno em que vou arriscar-me. Confesso que hesitei largo tempo sobre se daria seguimento á ideia, de ha muito meditada, de trazer a publico as considerações que me suggere o assumpto d'esta conferencia. Dois são os perigos que me assoberbam. O primeiro é que se attribua a exclusivos interesses pessoaes a mór parte das observações que me occorrerem, sobretudo quando ellas rebuçarem censuras e accusações. O segundo é que nas cabeças que sentirem a pressão, embora leve, das minhas carapuças, germinem sentimentos de rancor que está longe do meu animo excitar.

Em consciencia, reconheço a razão de ser

da primeira suspeição, por maiores que sejam os meus esforços para manter a linha da mais absoluta imparcialidade. Eu não serei decerto o mais bem escolhido para a promulgação das sentenças, n'uma causa em que sou parte. Mas não é minha ambição o pronuncial-as. A minha experiencia de quinze annos recommenda-me porventura como elemento apreciavel de elucidação n'um assumpto que de quando em quando se debate, ás vezes com imperfeito conhecimento dos postulados. Por conseguinte, esta minha conferencia limita-se a um singelo depoimento de testemunha, grande numero de vezes presencial, ou, quando muito, se me é permittida uma classificação mais ambiciosa, ao relatorio de um perito.

É apenas n'este campo que conto manterme. Não se esperem pois de mim profundas lucubrações de philosophia ou largas e subtis explanações de esthetica. Com grande pezar meu, não sou philosopho nem critico. Aos philosophos recorro, mais ou menos proficuamente, para me guiarem o entendimento; aos criticos forneço materia prima, mais ou menos avariada, para saciarem as suas ancias de analyse. É pois apenas como auctor dramatico que vou apresentar, muito terra a terra, um punhado de observações sobre a doença

de que visivelmente enferma o theatro nacional, afim de que os competentes possam d'ellas tirar diagnostico e prognostico, e exercer com cautela a sua acção therapeutica.

Quanto ao segundo perigo, esse confio que o desviará a circumspecção dos proprios a quem a minha voz eleve rebâtes na consciencia. As carapucas que por acaso queiram ver talhadas são de uma innocuidade bucolica: para as cortar, nem por sombras pensei em arrancar algum pedaço d'aquella fazenda excitante e inflammatoria em que foi alhada a tunica de Nesso. Se promover algum sorriso, que elle tenha todas as cores do arco-iris, menos o amarello. E podem ficar socegados os que me escutam. Segundo as regras bebidas em todos os codigos do bom tom, os presentes são sempre exceptuados nas insinuações. Se a sua indulgencia me prestar ambiciosas proporções de machina de guerra, a trajectoria dos meus projecteis, passando sobre as suas cabeças, deixal-osha indemnes; se os tiros houverem de fazer qualquer pequeno destroço, nem com oculos de grande alcance se poderá medir a importancia do damno.

A consciencia da minha fraqueza, alliada á experiencia do meio em que vivo, nem se-

quer essas veleidades me permitte. As verdades que eu por acaso proclame, quando não sejam sofregamente engulidas pelos echos d'esta sala, darão materia a umas tantas linhas elogiosas que de antemão agradeco aos meus benevolos collegas. Do assumpto nem a imprensa se occupará provavelmente, presa como está de anciosa curiosidade sobre a deixa de sahida para algum ministro demissionario e de entrada para o substituto. Quando muito, limitar-se-ha de quando em quando a vagos queixumes sobre a decadencia do theatro, os quaes terão como unico resultado alguns estremecimentos de vaidade ferida no animo dos profissionaes mais susceptiveis d'essa fraqueza moral.

Os magnates a quem compete o estudo do problema, quando percorrerem o jornal, se acaso o seu olhar recahir sobre essas linhas, terão um movimento de despeito, como se, illudidos por uma epigraphe aperitiva, se houvessem embrenhado n'um reclame da salsaparrilha de Ayer. Quanto ao publico, esse, por Deus! como costumam dizer as personagens das tragedias que me pezam na consciencia... o publico lerá talvez o artiguinho e commental-o-ha entre o ovo estrellado e a torrada, ao sabor das suas sympathias, de-

pois irá para os seus affazeres, até que a noite beba com delicias todos os venenos que lhe propinam ou se extasie na apparencia deante de cousas consugradas pelo criterio dos snobs, mandando intimamente a todos os diabos o emprezario que lh'as impingiu.

Porque, meus senhores, ao contrario do publico francez, ou para melhor dizer parisiense, que se apaixona por assumptos de theatro, preterindo por vezes outros de importancia vital, o nosso publico espraia-se sempre na mesma estagnação de indifferença, deixando-se ir inerte á mercê dos ventos da voga, e encrespando-se apenas á superficie quando lhe cae em cima desprevenidamente o pedregulho de um crime como o do Barreiro, muito mais surprehendente para elle do que o proprio addicional das decimas, a que periodicamente o habituaram.

E no emtanto não deixa de frequentar os theatros. Desegualmente, é certo, obedecendo a caprichosas preferencias, denunciando inexplicaveis antipathias, desmentindo as mais bem fundadas previsões, mas emfim deixando nas bilheteiras a mais significativa e palpavel

das provas do seu gosto pelo theatro. Proporcionalmente, raras serão as capitaes em que a população indigena, sem auxilio da fluctuante que entre nós é minima, concorra com maior assiduidade aos espectaculos publicos.

Por conseguinte, se realmente existe a apregoada crise do theatro portuguez, o povo da capital pode lavar as mãos como Pilatos, e a propria hygiene folgará com estas abluções cuja frequencia nunca é demasiada. Se alguns resquicios de culpa lhe empanam a consciencia, pode descarregal-os sem medo sobre os seus dirigentes intellectuaes, que jogam quasi sempre com elle a cabra-cega. Mas não antecipemos os nossos effeitos, queimando desde já uma das mais bellas peças do nosso fogo de artificio.

Uma pergunta basilar se me offerece: Existe realmente a crise do theatro portuguez? Não duvido responder que sim. A existencia de uma crise manifesta-se pelas queixas de todos, ou da maioria dos interessados no assumpto. Na hypothese particular de que tratamos, evidenciar-se-ha pelo mau estar dos actores, pela instabilidade das emprezas, pelo afastamento dos auctores, pelo mau humor ou pela indifferença da critica. Ora todos estes symptomas se revelam distinctamente no nosso meio

theatral. Quer-me parecer que esta doença não é um facto isolado: ella deriva de causas morbidas que estão a estas horas influindo sobre a arte e a litteratura dramatica em todo o mundo culto. Como em todos os ramos de actividade artistica, ha no theatro periodos de cansaço, mais ou menos longos. A fecunda producção romantica quasi que exgotou o theatro. Anciosos de trazer para o palco sensações novas, creio que os modernos seguiram trilho falso escolhendo-o para campo de subtilezas de psychologia individual e social, e, na melhor das intenções, baralharam os generos. Como muito bem diz René Doumic, o illustre critico da Revista dos Dois Mundos. uma geração de analistas e de ironistas não é a mais apta para dar auctores dramaticos. Mas emfim, seguindo o meu programma, abstenho-me de debater estas questões de transcendente critica geral, limitando-me ás considerações muito terra a terra que me suggere em especial o nosso meio.

Basta que ao de leve me refira a influencias, ás quaes não pode furtar-se o nosso organismo theatral, pois que a enfermidade se manifesta por toda a parte. Desgraçadamente, a epidemia encontrou o nosso theatro já debilitado por diversas causas idiopathicas, e

por conseguinte em inferiores condições de resistencia. D'ahi, naturalmente, o aggravamento do mal.

E já que falei em actores, seja-me licito começar por elles, e expor, com a maxima imparcialidade de que sou susceptivel, as suas queixas e as suas culpas.

Em primeiro logar, confessemos muito á puridade que o meio nacional não é o mais adequado para animar e amimar, não simplesmente os auctores dramaticos, mas em geral todos os que se occupam na cultura das lettras ou das artes. Em toda a parte existe o proletariado litterario e artistico, que não é infelizmente apenas composto dos mediocres e dos falhados. Exemplos como o de Camões, gemendo na enxerga de um hospital, não servem ainda hoje de escarmento aos povos e aos governos. Ainda não ha muito que um homem de excepcional talento, Jean Lombard, a quem se devem dois bellos romances de reconstituição historica, L'Agonie e Byzance, morria de miseria no coração de Paris. O remedio a este mal nem mesmo o encontro nos pensadores socialistas, pouco inclinados a uma apreciação cordial das obras de arte.

Mas lá fora, nos proprios meios onde se

praticam estes crimes sociaes, ha uma porcão de nomes que sobrenadam, impondo-se á estima publica e á consideração dos governantes. Artistas e homens de lettras galgam frequentemente aos mais elevados degraus da hierarchia social, pelo facto simples do seu merecimento litterario ou artistico, sem dependencia de qualquer accão effectiva dentro dos partidos políticos do paiz. A aristocratica Inglaterra dá constantes exemplos d'este respeito pelos talentos dos seus mais eminentes intellectuaes, como se diz na moderna giria litteraria. Basta citar, entre os poetas, Tennyson agraciado com a dignidade de lord; entre os pintores, Landseer e Millais, elevados ao baronetado, assim como, entre os actores, o celebre tragico Irving.

Apresso-me a dizer que entre nos se não teem regateado honras analogas a muitos dos trabalhadores de espirito que ambicionaram possuil-as. Mas esses titulos e essas honrarias andam no nosso paiz tão malbaratadas, que a analogia é apenas apparente. Accresce que na Grã-Bretanha ellas não teem o caracter meramente platonico que entre nos se lhes attribue. E cumpre-me ir incidentalmente ao encontro das interpretações malevolas, accrescentando que não me move a

estas observações o mais ligeiro assomo de vaidosa e impertinente ambição pessoal, mesmo quando a consciencia m'os permittisse. O que eu desejo é frizar a desdenhosa complacencia que os politicos affectam para com os homens de arte e de lettras, todas as vezes que estes não sejam pelo menos neophytos em qualquer aggremiação politica.

D'onde provem o facto vulgarissimo de nunca os consultarem em assumptos que são quasi exclusivamente do seu interesse e da sua competencia. Ainda não ha muito, ao pensar-se n'uma malfadada reforma do theatro normal, se entregou de olhos fechados a solução do problema a um dramaturgo eminente, é certo, mas recommendado á attencão dos governantes pela sua cathegoria de ministro de estado honorario. E o resultado foi que as recentes preoccupações dos seus elevados postos na politica e na diplomacia embotaram naturalmente no esclarecido espirito do antigo profissional as reminiscencias obsoletas da sua passagem triumphal atravez dos palcos.

Para que se avalie a estima em que geralmente são tidos os mais notaveis nomes da litteratura pelos políticos de officio, permitta-se-me citar ao de leve uma anecdota veridica. Tratando-se de um dos prestigiosos escriptores portuguezes, que tem o seu nome vinculado a verdadeiras obras primas, um ministro, junto do qual elle tinha uma certa pretensão, exclamava, pouco mais ou menos:

- Estou atrapalhado para satisfazer um empenho em favor de um tal Fulano, que escreve cousas.

Não reproduzo mais fielmente a phrase, para não ser accusado de indiscrição imprudente.

E já agora, occorre-me um dito pittoresco de um conceituado politico, na occasião em que se creou o mallogrado ministerio da Instrucção Publica e Bellas Artes. Dizia esse excelso piloto da nau do Estado, encolhendo os hombros desdenhosamente:

—Ministerio de Instrucção Publica, ainda vá lá! Mas de Bellas Artes, para que demonio serve isso?

Nem lhe passou pela cabeça que, com a sua extranha coarctada, justificava pelo menos a utilidade das artes caricaturaes.

Uma que outra vez, um bafejo das auras populares, resfolegando á custa do pertinaz esforço de alguns apaixonados sobre os folles da opinião publica, compensa até certo ponto esta indifferença olympica dos politicos. São esses factos esporadicos porventura manhosamente favorecidos pelos proprios politicos para escoamento dos enthusiasmos, que poderiam tornar-se importunos n'outras conjuncturas.

Mas, em regra, são rarissimos os escriptores e os artistas, e nem sempre são esses os melhores, cujo nome consegue alastrar pelas massas com o mesmo poder de expansão que alcançam os nomes dos corrilhos ricaços ou dos gárrulos ôcos da tribuna.

Sabe-se que o grande nome de Guerra Junqueiro foi objecto de extranheza incredula e renitente, quando o illustre poeta, detido por um incidente insignificante nas ruas de Lisboa, o declarou deante de quaesquer agentes de segurança publica.

—Guerra Junqueiro! Isso é lá nome de gente! A modo que o senhor está a mangar comnosco!

A popularisação, tão difficil de conciliar por meios estrictamente, rigorosamente probos, pareceria comtudo estar mais ao alcance dos auctores dramaticos do que de quaesquer outros trabalhadores de espirito, por ser geralmente maior a esphera de influencia da obra theatral. Nem sempre succede assim, comtudo. Os titulos das pecas extraordinariamente applaudidas perduram com effeito durante largo prazo na memoria do publico. Os nomes dos auctores, quando por acaso raro se conhecem, são constantemente baralhados, não só dentro das cabecas que usam barrete ou chapeu braguez, mas ainda dentro de um grande numero das que se corôam com o aristocratico pello de seda. Se me é licito invocar um exemplo pessoal, d'onde apenas posso tirar vaidade por uma confusão extremamente lisonjeira para mim, declaro que a cada passo me são attribuidas obras do meu eminente collega D. João da Camara, o qual por seu turno é victima de identicos equivocos, dos quaes não póde tirar a menor gloria.

Mas que isto se dê na massa geral do publico, não será caso digno de espanto. O phenomeno, que eu desejo frizar como especialmente symptomatico, é o alheamento vulgarissimo do meio theatral com respeito ás reputações litterarias alcançadas nos proprios tablados. Isto deriva em grande parte, é claro, da ignorancia, muitas vezes levada até ao analphabetismo, do pessoal empregado

tanto na parte technica e administrativa, como ainda-caso mais espantoso!-na parte profissional e artistica. Mas a determinante indirecta d'este alheamento é-como direi para não incorrer na pecha de balofa vaidade, para aquelles que, contra o meu sentimento, me julgarem exclusivamente falando pro domo mea? - é a mediocre contemplação em que, regra geral, é tido o auctor dramatico pelos proprios dirigentes e profissionaes do theatro. Sob as formas mais polidas, não é raro discriminar-se um certo constrangimento da parte das emprezas nas suas relações com os autores dramaticos. Este constrangimento não se accusa apenas pelo lado moral, regateando ao escriptor umas certas attenções que em paizes mais cultos lhe são exuberantemente prodigalisadas.

Sem querer entrar em comparações de pessimo gosto, sabe-se o prestigio de que nos theatros de Paris gozam os dramaturgos mais afamados. Ao passo que entre nós, se algum destaque existe na cordeal urbanidade como são acolhidos os frequentadores dos palcos, não é esse destaque geralmente em favor dos auctores. Como é mister estar sempre de sobreaviso contra a mordacidade, peço ao meu illustre auditorio o obsequio de não dei-

xar passar em claro o adverbio geralmente que de proposito sublinhei, e de se recordar das exclusões que desde o começo annunciei, com relação aos presentes, se é que alguns ha em circumstancias de se julgarem visados.

Como disse, não é só por este lado moral que são relativamente menos prezados aqueiles que fornecem aos theatros a materia prima para a exploração. Os seus interesses tambem não merecem, em regra, um religioso respeito por parte das emprezas. O cabedal mais lamentado em geral pelos emprezarios é a mesquinha importancia dos direitos de auctor. Actores, pessoal de scena, aderecistas, scenographos, carpinteiros, porteiros, guardas de toilette, moços de esquina, recebem o seu salario sem tergiversações... quando as emprezas pagam. É claro que, n'este ultimo caso que não é tão frequente quanto seria para desejar, os auctores tambem são contemplados com a paga estipulada. Mas não se calcula os attritos que tem ás vezes de vencer o misero papel ou a luzente moeda de prata para escorregar para fóra dos cofres. E uma que outra vez... lá fica.

Esta reluctancia mais frizante se torna quando as necessidades de montagem de uma peça ou as despezas de installação de uma

dominam.

empreza obrigam a um desembolso mais consideravel. Por maior que seja a desproporção entre enormes quantias despendidas com esses destinos e a exigua verba sollicitada pelo dramaturgo, os direitos de auctor são sempre considerados como a ultima e fatal gota que ameaça fazer transbordar o calix de angustias do emprezario.

E já agora, visto que a minha conferencia é mais uma palestra à bâtons rompus do que uma exposição methodica de factos e doutrinas, consideremos mais um curioso phenomeno que occasiona por vezes amargas queixas aos auctores, quando os actores são os proprios dirigentes das emprezas ou n'ellas pre-

Com honrosas excepções, o criterio de um actor, com respeito a qualquer peça que se lhe apresente, é sempre subordinado aos effeitos de brilhatura a tirar do papel que se lhe destina. É essa uma fraqueza a que não conseguem quasi nunca furtar-se nem sequer as mais deslumbrantes estrellas do firmamento theatral.

Occorre-me um exemplo bem frizante do

mediocre respeito votado pelos maiores artistas dramaticos á obra theatral de cujo desempenho se encarregam, até sacrificar o texto e a essencia d'essa obra á concentração de todos os effeitos na sua propria e eminente personalidade.

É certo que muitas vezes, e especialmente no exemplo que vou apontar, o publico tem muito a ganhar, sob o ponto de vista meramente theatral, porque o improvisado centro de acção e mais digno da convergencia de attenções do que o actor a quem o dramaturgo, n'um dado lance, confiava o logar

predominante.

É bem recente o exemplo, e deve ainda estar na memoria de todos. No final do 4.º acto da Dama das Camelias, a grande actriz Duse deslocava o centro de acção, que evidentemente pertencia ao galan, interrompendo a tirada d'este, já de sobra desbastada, com exclamações admiravelmente graduadas, com movimentos phreneticos contradictorios da situação que Dumas filho determinava á sua heroina, abatida e acabrunhada sob os impetuosos ultrajes do amante. Este effeito, embora, ao que se conta, fosse prudentemente approvado pelo proprio Dumas, revela da parte da actriz uma natu-

ral ambição de se impôr de preferencia ao publico, e porventura a ideia, mercantilmente honesta, de lhe conceder o maximo possivel do seu trabalho artistico, em troca dos cobres que elle desembolsa, é claro, com o intuito exclusivo de a ver.

São multiplos os exemplos analogos, e n'elles não vale a pena insistir. O ponto a que eu queria chegar era que este, muitas vezes brioso, amor proprio dos actores leva-os com frequencia a encarar com certo desdem todas as obras que não lhes proporcionam, a elles, farta colheita de applausos.

Os meus insignes collegas e ouvintes estão vendo os resultados d'este avariado criterio, quando acaso aos actores é concedida a totalidade, ou uma parcella assás ampla, da direcção superior do theatro. A escolha do reportorio tem que obedecer fatalmente a essas influencias. Peça que não engrinalde de novos louros a fronte dos mandantes é sacrificada ao primeiro pretexto, muito embora—vá lá o trocadilho!—não lhes despeje a algibeira de louras. Peça em que, á primeira leitura, elles não vejam reservados para si uns talhões adequados ao vicejar das palmas, é considerada por elles um campo sáfaro.

Idealisem V. Ex. as, por uma facil conten-

são de espirito, uma obra prima de litteratura dramatica, cheia dos maiores effeitos, escripta na mais theatral das linguagens, repleta de artisticas delicias, mas cuja interpretação esteja por tal forma subdividida e combinada que os mais importantes papeis pouco excedam, para o valor theatral da execução, a simples rabulas. Que das regiões extra-humanas desçam, para inspirar esse drama unico, os excelsos espiritos de Eschylo ou de Shakespeare. Corto a cabeça se se encontrar, para representar uma tal peça, companhia em que preponderem actores.

Com honrosas excepções, repito, o valor artistico ou litterario da obra é para elles secundario. Verdade seja que o é tambem, em geral, para todas as emprezas. Estas porem, consideradas em these como entidades independentes da influencia dos actores, teem um criterio perfeitamente razoavel por onde se regulam: o seu ponto de vista é, quasi sempre, exclusivamente mercantil. Para ellas, a melhor peça é aquella que dá mais receitas ao theatro. Ninguem de boa fé pode condemnal as por não quererem lesar os seus interesses materiaes na mira da gloria ephemera e bastante fallivel que lhes pode acarretar o amor exclusivo da arte. Grande cousa é quan-

do ellas conseguem, sem prejuizo, conciliar os dois estimulos, muitissimas vezes antagonicos. Em todo o caso, o seu criterio, subordinado ao interesse, é tão seguro quanto possivel, quando não é perturbado pelas caprichosas influencias a que me referi. N'esta hypothese, a vida de uma peça não depende sómente dos dictames da bilheteira; entram em linha de conta, como elementos perturbadores da sua trajectoria, o maior ou menor grau de satisfação que aos artistas proporciona o desempenho dos seus papeis, o echo que possam ter no publico as palmas da claque que os saúda, ás vezes uma circumstancia absolutamente imprevista, filha de despeitos, de superstições, de rivalidades, que os desgoste ou os anime.

Em casos d'estes, não ha astronomo que consiga, mesmo depois das duas ou tres primeiras representações, calcular, pouco mais ou menos, a curva extravagante que a peça vae descrever no ceu theatral.

São fundadas a maior parte das vezes as queixas que este estado de cousas origina. Nem sempre o são muitas das que, á bocca mais ou menos pequena, se ouvem da parte dos auctores contra as emprezas, quando estas se recusam a jogar os seus interes

ses sobre peças cujo exito monetario não lhes inspire confiança.

Poderão ás vezes os emprezarios ser taxados de pouco perspicazes ou demasiado tímidos. Isto porém não dá motivo a accusações legitimas, pois que cada um explora como lhe convem a casa commercial ou o ramo de industria a que tem ligados os seus interesses. Apenas se justificam as accusações, quando as emprezas, por contracto especial com o estado, teem obrigação de subordinar aos interesses artisticos os seus interesses materiaes. Não se dando esta hypothese, nem sequer é licito invocar quaesquer razões de ordem moral, ou para melhor dizer sentimental, para exercer pressão sobre uma empreza de theatro; tanto mais quanto essa tentativa seria inutil, visto como, a não ser muito excepcionalmente, estas emprezas participam da mesma indifferença pelo sentimentalismo que caracterisa toda e qualquer empreza de exploração mercantil. Na estreiteza relativa do seu meio, os theatros acceitam para Evangelho as maximas utilitarias ha pouco atiradas á face do mundo pelo chanceller germanico, com respeito á vida politica dos estados.

Outros estimulos, de indole mais positiva

e interesseira, as aguilhoam ás vezes bem contra sua vontade. Pobres emprezas! Não se calcula cá por fóra o complicado machinismo de empenhos, de suggestões, de ameacas, de supplicas, de imprecações, de diatribes, que se põe em jogo para as forçar ao baptismo de um neophyto da litteratura dramatica ou ao acolhimento de um auctor já celebre por successivos estenderetes. A porta de um palco, para um grande numero de escriptores de todas as craveiras intellectuaes, dá entrada a um paraizo vedado em que se sonha uma abundante colheita de fructos deliciosos. O ponto é desarmar o braco do archanjo-emprezario cuja espada descreve sobre esse ádito encantado flammejantes curvas. E ninguem pensa nas classicas serpentes que, pela banda de dentro d'aquellas paredes, se occultam entre as hervas emmaranhadas.

Imaginem se as angustias dos guardas d'aquelle Eden, a debaterem se contra os escarceus invasores, tão soffregos de movimentos livres que todo o seu empenho é deitarem cá para fóra os que já entraram, com o receio de que lhes falte campo. E occasiões ha em que as emprezas se vêem obrigadas a ceder a essas ambições exclusivistas, dan-

do de barato todas as considerações de qualquer ordem que poderiam recommendar os excluidos. Não digo que não se possa dar a inversa, mas raramente. Os já chegados sentem de ordinario um grande prazer, não destituido de natural e legitimo orgulho, em darem a mão aos assaltantes, quando n'elles reconhecem folego bastante para a escalada. Mas se porventura, ou antes por desgraça, elles se retrahem por motivo das . qualidades negativas que o seu criterio lhes revela nos pretendentes, então, meus senhores, arde Troya! É raro entre estes o que não deixa de attribuir o retrahimento a mesquinha inveja, a torpe avidez, ou pelo menos a cegueira de espirito; e então é que é armar nas mezas de cafés os engenhos de guerra que hão de abalar as reputações consagradas.

Áquelles, pretendentes ou não, que teem uma elevada noção de arte, não se pode em theoria negar a justiça das reclamações contra a má escolha das repertorios. D'essa responsabilidade já absolvi as emprezas, que para não naufragarem teem de marear o seu velame ao sabor das auras populares. Logi-

camente pois, deveria attribuir-se ao publico essa culpa. Elle é porem irresponsavel pela sua defeituosa orientação. Em primeiro logar, a sua edução esthetica, completamente abandonada pelas entidades officiaes, não corrige as suas naturaes deficiencias.

Nos assumptos mais corresinhos de administração publica, especialmente de administração municipal, se nota uma ausencia absoluta de um alto criterio artistico que tenda a habituar as massas á comprehensão do Bello. O museu das Bellas Artes, situado n'um bairro excentrico, sem a attraccão que lhe daria a passagem quasi obrigatoria da população em frente do edificio, nem tem catalogos, nem se abre quotidianamente, nem é enriquecido com collecções novas, senão quando um benemerito se lembra de supprir com dadivas ou legados a negligencia do Estado. A respeito de musica, temos o theatro de S. Carlos para centro de reuniões de bom tom na sala, e ás vezes de mau tom no palco. O publico avulso contenta-se em examinar com respeito as centenarias paredes do edificio. Pelo que se refere a theatros de declamação, a paternal sollicitude dos governos arranja decretos para escangalhar o que de bom se devia a esforcos particulares, e ag-

gravar porventura o que já havia de mau. Governo e municipio, de mãos dadas, enchem a capital de horriveis edificações; roubamlhe os pontos de vista que a tornavam unica na Europa; amesquinham o Tejo; assoberbam de um gazometro a torre de Belem; deixam criar bairros inteiros sem a mais leve sombra de direcção artistica; permittem a vandalica deformação dos monumentos, já accrescentando-lhes medonhas contrucções de estylo obras publicas, como lhes chama um grande artista portuguez, já raspando n'um descomedido furor de aceio a veneravel patina das velhas cantarias, já deixando-as cahir em ruinas, o que afinal de contas é o melhor serviço que d'essas assoladoras entidades se pode esperar. É escusado multiplicar exemplos, accrescentar mais contas a este logo rosario de actos, que só uma deploravel inconsciencia evita classificar de malversações.

Em vista d'esta negativa tutela do estado, que admira encontrar o povo absolutamente inaccessivel a quaesquer aspirações estheticas, cego para o menor vislumbre de arte pura? Esta sua indifferença é inevitavel que se reflicta mais poderosamente no theatro, por ser uma diversão mais sua predilecta.

Tanto mais quanto, por desgraça, não concorrem para a attenuar os que se arvoram em dirigentes do seu espirito.

Peza-me, nas salas da Associação dos Jornalistas, ter que frizar muito especialmente este ponto que não pode ser lisonjeiro aos socios d'esta aggremiação. Todos nós porem, salvo alguma phenomenal excepção, temos culpas no cartorio. E varias accusações, que me verei forçado a comminar sem ideias de individuação, devem ter por echo o rumor surdo dos meus proprios punhos, batendo no peito um *poenitet* solemne.

O publico é, como disse, naturalmente cego não só para certos primores de arte, mas tambem para a analyse exacta das suas proprias impressões, ainda quando para ella não seja indispensavel uma grande subtileza. Esta sua obtusidade de vista prova-a uma observação flagrante. Todos nós temos assistido a manifestações ruidosas de desapprovação, esmagando com maior ou menor justiça trabalhos dramaticos, cujo auctor é o desventurado alvo de tão brutaes censuras. Raro se tem visto, em theatros portuguezes, o actor receber o seu quinhão de pateada, embora partilhe muitas vezes iniquamente dos applausos que ao dramaturgo se dirigem. Por-

que, por uma vez em que o actor consegue insufflar alento a uma peça de precaria viabilidade, contam-se pelo menos algumas dezenas em que as deficiencias do desempenho fazem sossobrar um baixel apto para navegar por mares procellosos. O publico é que não distingue. A sua impressão, recebida de chofre, quando é desagradavel, é para elle da exclusiva responsabilidade do auctor. Este precisa ter costas largas, para não vergar ao peso das culpas dos actores, do ensaiador, do emprezario, e ás vezes do aderecista e do scenographo. Porque é mais que sabido como o exito de uma peça deve ser o resultado da collaboração harmonica de todos estes elementos e depende com frequencia de miseros pormenores, insignificantes circumstancias devidas ao acaso ou pequenas faltas que ao auctor é impossivel prever ou remediar.

É tambem fóra de duvida que os actores são muitas vezes victimas d'esta insufficiente educação do publico. Aos papeis brilhantes, relativamente de facil interpretação, prenhes de effeitos com que o auctor se comprouve em aureolal-os, são sacrificados outros de complicada reconstituição, os que, segundo a linguagem theatral, dão trapezio aos pri-

meiros, papeis baços embora excellentemente compostos, que passam despercebidos ao publico e que não raro deveriam representar uma gloria para o artista que os desempenha.

E já que para os artistas desvio a attenção do meu illustrado auditorio, permittamse-me algumas leves considerações que dizem particularmente respeito á arte dramatica. Receio muito, entre parenthesis, que esta minha palestra, pelo desalinhavado d'ella, obrigue a successivos solavancos o espirito dos ouvintes; mas relevar m'o-hão decerto, por analogia com o corpo, imaginando que estão experimentando em qualquer vehículo o caprichoso systema orographico do calcetamento de Lisboa.

Não ha optimismos que possam disfarçar esta triste verdade: a arte dramatica acha-se entre nós em decadencia. Como conciliar este phenomeno com a multiplicação constante de theatros e com a crescente affluencia do publico ás casas de espectaculo, eis o que eu francamente não sei. Afigura-se-me que o facto é reflexo de uma decadencia geral,

notada lá por fora, especialmentre entre francezes. E não me repugna acreditar que ella derive da renovação de processos, das exigencias meticulosas, porventura ás vezes um pouco doentias, da arte moderna. Para o repertorio romantico, o desempenho dependia sobretudo do temperamento do artista. Hoje, é principalmente do estudo que podem nascer as obras primas da interpretação. Eis, em synthese, talvez a origem do mal.

Os nossos actores estão collocados em condições bem inferiores ás dos seus collegas das grandes metropoles, para corresponderem áquellas exigencias. O principal motivo é a renovação constante do repertorio, que não lhes dá tempo nem para se compenetrarem ás vezes do caracter da personagem, quanto mais para a estudarem nas suas minucias physiologicas ou psychologicas. Quando muito, se acaso o talento suppre um pouco as deficiencias do estudo, conseguem tracar-lhe nitidamente os lineamentos geraes.

Assim, emquanto no decurso da epoca theatral o actor francez desempenha dois ou tres papeis novos, o nosso artista vê-se obrigado a estudar dez, doze, e ás vezes mais, afora as reprises, obrigadas que se veem as emprezas a renovar o cartaz todos os mezes,

quando não seja duas vezes por mez. É absolutamente impossivel chegar, não direi á perfeição, mas a um resultado digno de applauso incondicional com este trabalho fatigante e atabalhoado. E não se pode negar que, dadas estas condições precarias do theatro entre nós, os artistas portuguezes realisam verdadeiros milagres. Basta, para confronto, considerar o exiguo reportorio que teem na generalidade as maiores summidades da scena, as que percorrem o mundo inteiro n'uma carreira triumphal. Não é apenas ao talento, por vezes genial, que esses grandes artistas devem as ovações colossaes que os saudam; é ao aperfeiçoamento continuo do seu trabalho, concentrando-se sobre um pequeno numero de creacões, renovando-se a cada reprise com a suggestão de effeitos novos, de pormenores ineditos, como pequeninas e maravilhosas joias engastadas incessantemente n'uma obra prima de paciente ourivesaria.

Ai! as reprises entre nós! Essas, na maioria dos casos, preparadas á pressa, para tapar buracos deixados por peças gastas ou cahidas, com substituições feitas a trouxemouxe, sem dar tempo aos antigos interpretes para lhes refrescar a memoria, essas—horresco referens!—são o contrario d'aquellas

a que eu acabo de me referir! Se algumas joias havia no trabalho de interpretação, cahiram ou embaciaram-se, assim como o scenario perdeu as tintas, o guarda-roupa o frescor, os machinismos a leveza, e ás vezes a mocidade os artistas. Mas tudo vae bem, porque o publico não é a tal respeito de grandes exigencias, quando a peça logrou a primeira um exito decisivo.

E não póde realmente ser de grandes exigencias, porque a culpa é sobretudo da estreiteza do meio, pouco dos emprezarios que precisam ganhar a vida, mais dos emprezarios que sacrificam tudo ás ambições de enriquecer, um tudo nada dos auctores que teem por desculpa a exiguidade da sua remuneração e a necessidade de a avolumar, e quasi nulla da parte dos artistas que teem de sujeitar-se ás exigencias precipitadas das emprezas.

Um outro facto tende a prejudicar os esforços d'estes ultimos e o desenvolvimento da arte dramatica entre nós. É a preferencia mais ou menos ostensivamente dada pelos emprezarios ao repertorio extrangeiro. E comprehende-se, sob o ponto de vista dos seus interesses, essa preferencia. Na maioria dos casos, ella representa uma sensivel attenuação de despeza, substituidos como são os direitos de auctor pela ligeira esportula da traducção. Mas ainda quando não se dê este caso, uma outra consideração dirige os emprezarios n'essa preferencia. As peças extrangeiras, escolhidas naturalmente entre as mais applaudidas lá fóra, trazem já comsigo uma certa garantia de exito que as recommenda. São como os melões já calados. É certo que ás vezes o paladar do nosso publico rejeita o precioso fructo, que tanto lisonjeou o paladar alheio. Não é raro que esta divergencia dependa da escassez do tempero, dado pelo desempenho. Mas emfim o caso não é muito vulgar, quando a escolha é discretamente feita, visto que todos os publicos, afinal de contas, teem tantos pontos de parecença como os dedos da mesma mão. O annel que serve no dedo minimo, convenientemente adaptado, não desmerece no fura-bolos.

Mas accresce ainda a onda de reclames que afflue por todas as torneiras da imprensa extrangeira. N'essa onda começa a vogar o barco, antes de ser lançado ao grande oceano theatral. É papinha feita que encontra o emprezario para fazer de antemão valer a sua mercadoria. Criticas subscriptas

por nomes illustres, noticias espaventosas de espectaculos cortados de ovações delirantes, tremeluzir longinquo de estrellas que consagraram á peça todo o esplendor do seu genio, telegrammas de sensação acompanhando o novo trabalho dramatico na sua carreira triumphal, tudo isto tende a prevenir o espirito publico em favor da exhibição que se prepara, graças ao emprezario que, no dizer das folhas, não se poupa a fadigas nem a despezas para dar aos portuguezes as mesmas sensações que abalaram o animo de todos os povos cultos da Europa e da America.

Veja-se, a par d'isso, a mesquinhez de abonos com que conta um trabalho original, melão por calar, terreno virgem que desafia a analyse dos mais experimentados chimicos. Artigos elogiosos ainda estão inteirinhos dentro dos frascos de tinta inalteravel. As ovações teem que vencer a resistencia hostil de um publico mazembo, de ordinario mal prevenido com relação a originaes. Reclames só podem fazer-se com melindrosa discrição, para não terem effeitos contraproducentes, graças ás sorrateiras inimizades de que, mercê de Deus, goza todo o auctor que já fez algum caminho, ou ás duvidas ironicas com que se aguarda a apparição de um novato.

Se alguma curiosidade interessada se levanta, é em geral na expectativa de um desastre.

Com todos estes elementos adversos, que resta ao emprezario, de trunfos para fazer o seu jogo? O valor da peça? Esse apenas é abonado por um areopago muito fallivel nas suas sentenças ou por algum conciliabulo complacente de amigos. O nome do auctor? Tambem pelos motivos que já dei, não importa senão uma relativa esperança de exito. Portanto, o emprezario esquiva-se quanto póde, na logica das suas aspirações, a tentar experiencias de caracter sobejamente aleatorio. E assim, quantos melões de boa qualidade se deixarão apodrecer dentro da casca?

Ora, como ia dizendo, d'esta preferencia dada ao theatro extrangeiro, embora muitas vezes justificada pela escassez da producção nacional, derivam outras e serias difficuldades para os actores. Pela fatalidade das circumstancias, veem-se forçados a reproduzir em scena typos que não conhecem, caracteres alheios ao seu meio, figuras forasteiras ou mal aclimadas entre nós; a regularem o seu trabalho por costumes extranhos ao seu

paiz; a subordinarem se a um ambiente cuja composição não é adequada a que n'elle respirem os individuos da sua raça. O resultado são creações hybridas, exemplares abortados de plantas exoticas, deficiencia ou sobejidão de tecidos para que ao dedo portuguez se adapte o annel que resplendeu em

dedos extrangeiros.

Antigamente, as plateias mais illustradas, com a sua predilecção pelos grandes e vigorosos lances, pelo desenrolar de peripecias que constituiam a acção dramatica, pelos effeitos largos e scenographicos, ou desculpavam de boa mente, ou nem sequer discriminavam, essas anomalias e incoherencias de desempenho. As plateias de hoje, com uma educação que, sem ser porventura mais profunda, é mais cosmopolita, com a attenção preferentemente voltada para o correcto desenho dos caracteres e para a reconstituição meticulosa dos meios, a custo supportam taes irregularidades. Não importa saber se, em absoluto, teem razão; o que é positivo é que tornam difficillima aos actores a tarefa de as satisfazer.

Tarefa que aliás é consideravelmente aplanada, em se tratando de realisar figuras para as quaes não lhes faltem os modelos. Entreguem á mais selecta e luzida companhia que se possa constituir no theatro portuguez uma comedia de costumes boulevardiers do Paris moderno, uma peça de Gyp ou de Abel Hermant, e serão minimas as probabilidades de exito para o seu desempenho. Em confronto, todos nós temos assistido, até em barracas de feira, a representações de peças populares, em que os typos do nosso meio são traçados com flagrante verdade por actores de infima classe.

Ainda outra difficuldade importantissima assoberba os nossos actores. É a escassez de ensaiadores sufficientemente habeis, com uma cultura desenvolvida e actualisada, um conhecimento mais que perfunctorio da sua arte e do moderno movimento theatral. Com honrosas excepções que me abstenho de individualisar, o que por ahi se vê em marcacão de peças, em mise-en-scène, em agrupamento de massas, é de uma indigencia verdadeiramente lastimosa, de um ronceirismo e de uma monotonia deveras afflictivos, de uma ingenuidade quasi primitiva. Apresso-me a dizer que a multiplicação e a affluencia de trabalho são para esses dignos profissionaes em geral tão justificativas como para os actores. Mas o que é tambem certo é que de ordinario uns e outros encaram a sua profissão mais como um officio do que como uma arte, e d'essa falta de ideial proveem quasi sempre as obras de fancaria.

Em grande numero de theatros, a direcção de scena está confiada a actores, que accumulam com o seu trabalho artistico o mister de ensaiadores. Na minha opinião, isto é geralmente um mal. Em primeiro logar, é difficil que o actor divida convenientemente a sua attenção, naturalmente absorvida pelo papel que lhe cabe desempenhar. Em segundo logar, a competencia dos actores para essa missão está longe de ser indiscutivel em these.

Alguns ha realmente, e as vezes não são os mais notaveis como interpretes, que sobrelevam n'essa complicada e escabrosa sciencia de ensaiador. Mas muitos dos mais justamente applaudidos artistas são de todo inaptos para esse trabalho, sobretudo no que se refere ao ensino individual dos seus collegas. E a razão é obvia. O conjuncto de qualidades, que os caracterisam e lhes dão lustre, são, por assim dizer, idiosyncrasicas, resultam do seu temperamento physiologico e da sua indole artistica, não se adquiriram pelo estudo, quando muito aperfeiçoaram-se com a experiencia

de largos annos. Estas mesmas qualidades, enxertadas n'outro individuo, dão resultados contradictorios e inesperados, transformam se não raro em defeitos. Ou pelo menos, habituando os actores a uma copia mais ou menos servil do seu modelo, introduzem na representação uma monotonia fatigante, como se o Frégoli podesse applicar o seu systema ao desempenho de uma tragedia inteira.

Depois, em consciencia, poderá lançar-se a excommunhão sobre o actor-ensaiador, quando elle sacrifique á vaidade da sua principal profissão o desempenho de outra que é, porque assim digamos, occasional e incidente? Como querem que, em geral, o artista leve o seu desinteresse até ao ponto de fazer valer mais os papeis alheios do que o proprio? Não é natural e desculpavel, em vista da fragilidade humana, que esse director desmanche ás vezes o equilibrio geral para fazer pender a balança para o seu lado?

Eu já accentuei quanto era nociva a preponderancia do elemento actor na administração theatral. Em regra, não é muito menos prejudicial quando toma sobre si o exclusivo da direcção artistica. Qualquer dos dois expedientes arrisca-se a produzir os desastrosos effeitos, com patusca philosophia caricaturados no grão-ducado de Gerolstein.

Outros males de que enferma o theatro portuguez, summariamente demonstrados, dariam ainda materia para o alongamento, acaso impertinente, da minha palestra. Porque se me imponha o dever de não abusar da attenção que se dignam prestar-me, abstenhome de outras considerações que me occorrem para chegar ao ponto sobre o qual desejaria muito particularmente fixar o espirito dos meus illustres consocios.

Já o fiz claramente entrever. A culpa capital da grande maioria d'esses achaques recae sobre a imprensa. Nem n'este nem n'outros pontos, peza me dizel-o, ella corresponde plenamente á alta missão que lhe cabe n'um paiz livre. E a isso, á circumstancia de não saber impôr-se solidariamente com a dignidade, que é apanagio individual de cada um dos seus membros, devem attribuir-se desrespeitos de que desgraçadamente tem de queixar-se.

Mas nada de me alongar fora do campo restricto que voluntariamente escolhi. Cum-

pre-me dizer verdades amargas, e tanto mais á vontade quanto sobre mim poderá porventura recahir a pecha de ingrato, nunca a de despeitado. Mas nem a primeira accusação consegue promover em mim rebates de consciencia. O reconhecimento que em geral devo aos meus collegas da imprensa não pode impedir-me de explanar doutrinas e citar factos de ordem generica. Fique pois assente que quaesquer considerações mais acerbas não destroem a integridade da minha gratidão pessoal. E grande favor deveria ao meu illustre auditorio, se elle por momentos desligasse da minha personalidade a grilheta do meu passado theatral, que n'este momento ameaça prender-me os movimentos.

Clama se a miudo sobre a pretendida decadencia da litteratura dramatica entre nos. Mais legitimos me pareceriam talvez os lamentos sobre a decadencia da critica theatral. Não direi que ella não esteja frequentemente entregue em boas mãos. Espiritos de poderosa envergadura — conheço-os — se occupam n'esse labor, bastante ingrato por vezes. Mas a verdade é que geralmente, ou pela precipitação da tarefa, ou pela multiplicidade de afazeres, ou ainda por uma indolencia nativa, não dedicam a elle a actividade que se me afigura merecer. Para satisfazer tant bien que mal á sua missão, tratam de córar á chamma do seu talento uma duzia de logares communs, regam-nos abundantemente no môlho apetitoso dos epithetos, polvilham-nos com algumas citações arrancadas ao paiol inexgotavel do Larousse... e servem quente. Isto é ainda quando não delegam no primeiro noticiarista que lhes apparece a macadora tarefa de dar conta de uma primeira

representação.

Além da precipitação a que já me referi e contra a qual não ha muitos dias justamente clamava um juvenil escriptor, occorre uma circumstancia sobretudo attendivel para desculpar os criticos: é a de não serem remunerados ou de receberem quanto muito uma remuneração menos que modica. Em taes condições reconheço que não se póde exigir trabalho á altura do que um jornal serio deve á propria reputação. O mistér de critico demanda estudos prolongados e assiduos que não pódem ser suppridos com o talento. Nenhum dos criticos francezes contemporaneos, aos quaes me refiro por serem mais particularmente conhecidos dos nossos profissionaes, chegou ás culminancias de auctoridade, sem um largo e laborioso tirocinio, sem um compulsar constante das obras primas do theatro antigo e moderno, sem um aturado estudo dos seus predecessores. Isto não se adquire em meia duzia de dias; e um tão valioso capital de sciencia e de experiencia tem direito a importante compensação de juros em moeda corrente. Entre nós, por falta d'este estimulo, as aptidões abortam, os talentos esmorecem, as maiores esperanças afogam-se no mar banzeiro da rotina.

Ora a verdade é que o jornalismo não está em condições tão precarias que não possa em certos casos subsidiar condignamente quem sinta nos hombros azas, ou pelo menos côtos em via de desenvolvimento, para se alar ao sereno Olympo da critica. Creiam os directores de jornaes que tal despeza não seria de todo improficua. Sem falar da valorisação moral que daria ás folhas uma elevada orientação n'este assumpto, crear sehia uma sympathica corrente de curiosidade que se reflectiria por certo nos cofres da empreza jornalistica.

Mas para que falar no interesse material, se se trata de jornaes a quem cumpre, por dignidade propria, arcar com despezas que não pezam sobremaneira na sua avultada receita? Antes de tudo, não ha collega meu que o não sinta, está o levantamento de uma instituição que, é escusado disfarçal-o, recebe do publico muito mais em cobres do que em consideração.

A respeito de assumptos theatraes, todos nós sentimos que a imprensa está a caminho de se desacreditar completamente. Os jornaes collocam-se na dependencia das emprezas, e não serei eu que indague, a não ser muito á puridade, os motivos de similhante incongruencia. Os redactores deixam reflectir nos seus artigos sentimentos pessoaes de sympathia ou de antipathia, que lhes desnaturam o senso critico. É certo que em geral pendem mais para a indulgencia do que para a severidade. Qualquer dos dois excessos é em todo o caso damnoso.

As demasias da severidade, que entre nós se exerce principalmente contra os originaes, desarmando quasi sempre deante das peças extrangeiras, teem o inconveniente de soprar violentamente uma chamma que bruxuleia ás vezes no espirito dos tíbios. É certo que esse sopro tem o effeito contrario no animo dos audazes; em vez de apagar, aviva. Mas como o talento não se mede necessariamente pela audacia, succede ás vezes que o brusco esti-

mulo não é muito menos prejudicial do que o desfallecimento. E a critica demasiado severa é assim cega nas suas bordoadas.

Mas o que lhe cohibiria por certo as violencias, uma que outra vez exageradas, da arremetida, seriam as considerações benevolas sobre o enorme capital de esforços materiaes e intellectuaes, quando não é de dinheiro, despendido para se chegar ao resultado final da representação de uma peça. Jogam-se alli, além da reputação do auctor e dos artistas, os seus interesses e os da empreza, e os interesses d'esta representam ainda os de algumas dezenas de familias que vivem exclusivamente a sua sombra. Considerações analogas pesam ás vezes fortemente na balança, quando se trata de uma companhia industrial que, com maiores ou menores privilegios, vexa e explora o publico. Porque não hão de egualmente impôr-se, quando a entidade visada é uma empreza theatral? Eu bem sei que estas arremettidas, de ordinario provindas da penna irrequieta e ardente dos criticos novatos, teem como desculpa o amor apaixonado da arte pura e a indignação contra os seus profanadores. Mas... est medius in rebus. É mister lembrarem se de que nos escombros, sob os quaes pretendem sepultar os maus sacerdotes da sua religião, se some o pão de muita victima innocente.

Passados os primeiros fervores, não raro fecundos, de actividade, distribuido equilibradamente pelo organismo o sangue que congestionava a guelra, o critico theatral transita de relance pelo justo meio, e descae rapido no extremo opposto da exagerada indulgencia. O circulo das suas amizades foi-se alargando, um scepticismo risonho foi-lhe boleando as arestas vivas do espirito, o desejo de viver bem com todo o mundo foi-selhe impondo como indispensavel á sua tranquillidade, revelou-se-lhe á consciencia a inutilidade de esforços isolados. Os effeitos d'esta nova phase não são menos prejudiciaes, porventura, do que os da primeira.

A excessiva indulgencia não serve geralmente senão para animar os mediocres e descoroçoar os homens de valor. Na ordem moral, ella multiplica para os honestos as difficuldades da lucta pela existencia, dandolhes por competidores os pouco escrupulosos, a quem a propria impunidade dá novos alentos para supprirem por estratagemas mais ou menos illegitimos os processos limpidos da honestidade. Na ordem intellectual, ella dilue n'uma tonalidade geral todas as gradações que separam a nullidade do verdadeiro merito. Essa escala virtual, cujo cabeço devia tocar nas nuvens, ennubla se toda ella com as thurificações da adjectivação benevolente. De forma que, se Shakespeare e Molière vivessem actualmente entre nós, verse-hiam coroados dos mesmos ramalhudos epithetos com que se enfeita o craneo redondinho do sr.... Zero.

Devem concordar que isto não é de molde para contentar aquelles que, se se distanceiam dos dois celebrados genios, não se distanceiam menos d'este ultimo cavalheiro, o qual, quasi com certeza, tem ainda no seu credito a consideração política. Este não tem consciencia dos supportes que a amizade de uns e a indifferença de outros lhe pozeram debaixo dos pés para que o publico tivesse a illusão de que elle chegava á craveira. Os outros sentem-se mingoados na sua estatura, ao verem os caprichos d'esse nivelamento, e começam a descrer de si ou a desconfiar da critica, conforme o seu pendor para a modestia ou para a vaidade.

Em summa, qualquer dos extremos se me

afigura inconveniente. Mas o que avulta como sobremaneira prejudicial é a desegualdade de tratamento, a differença iniqua das attitudes, a applicação de craveiras diversas, a distribuição systematica de settas para um lado e de rebuçados para outro. Não insisto nos prejuizos, aliás obvios, e muito menos investigo os motivos d'essa flagrante parcialidade. Mas, em boa consciencia, ninguem poderá negar que ella se revela a miudo, ainda nos jornaes mais cotados. Está-me a parecer que o jornalismo atraicoa assim a sua missão de justica, n'um campo onde são pouco desculpaveis as demasias da paixão ou as cegueiras do sentimento. Que demonio! Pois a politica não é campo bastante largo para a cultura da injustica humana?

Mas urge que chegue quanto antes ao termo da minha palestra. Sinto que não dei afinal novidades; apenas porventura exprimi o que se acha, fluctuante e vago como nuvens esparsas, no animo de muita gente. Cada um dos pontos que toquei daria materia vasta para uma conferencia, e talvez até para um livro. É possível que eu volte ao assumpto, se não me escarmentarem demasiadamente despeitos ou irritações que eu não pretendi excitar.

Que é esse, afinal de contas, o unico fru-

cto provavel que poderei colher da minha conferencia, comquanto me limitasse a constatar factos, sem a mais leve intenção de aggravo pessoal. Segui, muito mais á risca do que o epigrammista latino, o preceito por elle apregoado em relação aos seus livros: Parcere personis, dicere de vitiis. Estou em paz com a minha consciencia.

Apezar d'isso, se algum pequeno echo ficar das minhas palavras, provirá elle apenas de resentimentos infundados. O que possa n'ellas haver de util e proficuo, como suggeridor de uma remodelação profunda nos costumes e nas leis, isso dissipar se ha como fumo depois de algumas referencias provavelmente amaveis, incidentalmente amargas, feitas amanhã pelos jornaes que não me condemnarem ao ostracismo do silencio.

Os costumes não se reformam, senão depois de um persistente, demorado, obstinado e vigoroso esforço de vontades unidas. Quanto a medidas de reforma que recaiam na alçada dos dirigentes, é illusão que não me cabe no animo o contar com a sua acção orientada em favor de qualquer interesse artistico. Quando elles se resolvem a conceder aos theatros um relance do seu olhar olympico, é caso de a gente gritar: Guarda debaixo! A auctoridade lembra se um bello dia de que os espectaculos existem, para lhes impôr medidas draconianas, que só no sentido pharmaceutico se pode dizer que ajudam as emprezas e que em todo o sentido maçam e desgostam os frequentadores. Dir se hia—Deus Nosso Senhor me perdôe!—que a auctoridade, suspicaz e ciumenta, pretende agarrar se com ancia ao privilegio exclusivo de divertir o publico.

Mas ainda para isso não dispensa a collaboração da caricatura, e mesmo assim nem sempre me diverte. É pois com o coração a transbordar de amargo scepticismo, que eu, como o mais obscuro dos sacerdotes da arte, peco venia para entoar o *Ite, missa est*.

A CRISE

DO

THEATRO PORTUGUEZ

POR HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Serie de Conferencias. — Principaes topicos — Symptomas e causas da crise. — Queixas e culpas de emprezas, de auctores e de actores. — Absolvição do publico. — Apathia dos governos — Decadencia da arte dramatica; suas causas principaes. — Culpas graves da imprensa periodica. — Necessidade de uma associação de auctores dramaticos. — Defeitos de exploração: escolha de repertorios, companhias extrangeiras, beneficios, etc. — Organisação do Theatro Normal. — Remodelação do Conservatorio. — Bases de uma legislação completa sobre o assumpto.

Cada conferencia, de cerca de 50 paginas, 200 RÉIS

CARTAS

DA

HOLLANDA

POR ALFREDO MESQUITA

Um vol. brochado 500 réis. Cartonado 700 réis

As CARTAS DA HOLLANDA são o desenvolvimento ordenado e tranquillo das muitas notas, esquissos e commentarios succintos, que Alfredo Mesquita transmittiu ao Diario de Noticias, ao Jornal do Commercio e ao Commercio do Porto, por occasião das festas com que a Hollanda celebrou a inauguração do reinado da joven Guilhermina.

O jornalista observou esse paiz e o seu povo numa occasião e em circumstancias que, como do livro se verá, quem os visitou em epocas normaes não poude apreciar. E de tudo quanto a sua grande vivacidade indagadora surprehendeu e guardou em apontamentos instantaneos, o seu livro nos fala agora em detalhados capitulos.